

DESP
14/2/98 A-9
53

O ESTADO DE S. PAULO

GERAL

CIÊNCIA

Amazônia terá centro de estudos genéticos

*Instituto de biotecnologia
analisará vegetais
para criar remédios
e outros produtos*

SERGIO LEO

BRASÍLIA – As empresas instaladas na Zona Franca de Manaus vão ganhar um vizinho diferente, apadrinhado pelo governo, por centros acadêmicos como a Universidade de São Paulo (USP) e por instituições de pesquisa como o Instituto Butantã. Será o Centro de Biotecnologia da Amazônia, que reunirá, em Manaus, laboratórios e grupos de cientistas para pesquisar o uso do rico patrimônio genético da região em remédios, cosméticos, inseticidas naturais e outros produtos industriais.

O projeto de arquitetura do prédio, que deve consumir R\$ 9 milhões, com equipamentos e laboratórios, foi apresentado ontem, no Ministério do Planejamento, na primeira reunião oficial do grupo de trabalho criado com cientistas e funcionários do governo para montar o centro. Com apoio financeiro da Superintendência da Zona Franca de Manaus (Sufrema), que cedeu um terreno de 20 mil metros quadrados, o centro deverá reunir pesquisas próprias às informações já coletadas por instituições da região, como o Instituto Emílio Goeldi, do Pará, e usar a rede de laboratórios acadêmicos do País para encontrar usos práticos para o material coletado.

Os números mostrados na reunião dão uma dimensão do potencial econômico do centro. Dos 20 produtos farmacêuticos mais vendidos no mundo, quatro são extraídos diretamente de plantas ou outras fontes naturais, e rendem aos laboratórios que os comercializam receitas em torno de US\$ 700 milhões anuais. A Amazônia reúne 30 mil espécies de plantas, 12% do total mun-



Krause: material coletado será encaminhado para laboratórios acadêmicos, que desenvolverão produtos

dial, 330 espécies de mamíferos, 2,5 milhões de artrópodes (insetos) e dezenas de milhões de espécies de microrganismos.

Sucesso – “A cada 2 mil espécies de plantas estudadas, geralmente cria-se um produto de enorme sucesso comercial e dezenas de outros rentáveis e funcionais”, comenta o pesquisador Mário Sérgio Palma, do Instituto de Biociências da Universidade Estadual Paulista (Unesp). Ele é um dos integrantes do grupo, que rela-

cionou, para a equipe montada pelo governo, uma lista de produtos de origem natural, como a ciclosporina e o taxol, hoje usados com sucesso por laboratórios para tratar doenças como câncer ou hipertensão.

“Não podemos continuar na Amazônia financiando boi”, declarou o ministro do Meio Am-

biente, Gustavo Krause, ao comentar a intenção do grupo de trabalho, de usar o centro para criar, na região, um pólo de biotecnologia.

“Essa iniciativa pode iniciar um novo ciclo poderoso de crescimento na Amazônia, com potencial incomparavelmente maior que os ciclos anteriores, da borracha

e das indústrias de eletroeletrônicos”, comentou Palma.

O projeto pretende tirar proveito até das cobras, sapos e escorpiões da floresta tropical, que tornam a Amazônia o maior reduto de animais peçonhentos do planeta. “Vamos pôr juntos o pessoal que faz o inventário da biodiversidade da região com laboratórios como o Instituto Butantã, de São Paulo, que se especializou em toxinas animais, ou a Universidade Federal do Rio de Janeiro, que vem testando drogas contra a aids”, afirma o professor Spartaco Astolfi Filho, da Fundação Universidade do Amazonas. “O resultado, além de permitir a criação de novos produtos, pode ajudar às instituições locais a entender melhor a relação entre os seres vivos na região.”

O centro – que deve estar concluído em 1999 – é visto com bons olhos pelo governo do Amazonas. “Até hoje, a reação do governo às pressões das organizações ecológicas foi repressiva, com ações para conter o desmatamento”, comentou o representante do governo do Estado no grupo de trabalho, Vicente de Paula Nogueira. “Para conter a devastação que também é feita pelas populações miseráveis é preciso uma alternativa econômica.”

Críticas – O centro não estará a salvo das críticas dos ecologistas. A razão é que uma das atividades principais será a pesquisa e produção de vegetais e animais transgênicos (que tem genes de outra espécie), condenada por algumas organizações.

O centro é uma tentativa de tornar inviável o roubo de patentes e conhecimento indígena por pesquisadores e empresas estrangeiras. Um dos objetivos do grupo é descobrir formas de exploração racional das substâncias amazônicas, para evitar que a descoberta de novos produtos leve à coleta ou exploração predatória da matéria-prima.

**INICIATIVA TERÁ
APOIO
DO BUTANTÃ E
DA USP**